

## CAPÍTULO I

## A SERPENTE CEGA

— Mas não voltas tão cedo...

João Garcia garantiu que sim, que voltava. Os olhos de Margarida tinham um lume evasivo, de esperança que serve a sua hora. Eram fundos e azuis, debaixo de arcadas fortes. Baixou-os um instante e tornou:

— Quem sabe...?

— Demoro-me pouco... palavra! Cursos de milicianos... Moeda fraca! Para a infantaria, três meses. Se não fecharem os concursos para secretários-gerais, então aproveito. Bem sei que há só três vagas e mais de cem bacharéis à boa vida... Mas não tenho medo das provas. Bastam algumas semanas para me preparar a fundo... rever a legislação.

Entrava em pormenores. Margarida ouvia-o agora vagamente distraída, de cabeça voltada às nuvens, como quem tem uma coisa que incomoda no pescoço, um mau jeito. O cabelo, um pouco solto, ficava com toda a luz da lâmpada defronte, de maneira que a testa reflectia o vaivém da sombra ao vento.

Estavam quase ao alcance da respiração um do outro: ela debruçada num muro de pedra de lava; ele na rampa de terra que bordava a estrada ali larga, acabando com a fita de quintarolas que vinha das Angústias até quase ao fim do Pasteleiro e dava ao trote dos cavalos das vitórias da Horta um bater surdo, encaixado. Dali à entrada da quinta corria um muro de pedra solta onde espreitavam trepadeiras, e só a uns vinte metros se erguia a parede nobre com o grande portão verde de padieira grossa, que ao abrir bem atrás, devido a uma posição mal calculada, batia na borda da sineta arrematada do naufrágio de um veleiro. Do lado oposto à cidade a estrada descrevia uma curva ao longo de muros de cerrados, onde os grilos pareciam, de verão, o quei-

xume da ilha abafada e em que pairava agora um pasmo solto de tudo, menos do mar. As lâmpadas da rede, lá para Porto Pim, faziam mais escura a massa de águas que devia rolar enrefogada a um começo de vento levantado, pouco e já duro. De vez em quando, o cão da quinta dos Dulmos, poucos metros atrás de Margarida, esticava a corrente e rosnava.

— *Açor!*... Eu nem devia falar contigo a esta hora, com o avô assim tão doente! O pai já anda desconfiado...

— E que tem? Não é a última vez?

— Última?... credo! Isso, nem que tudo acabasse. Mesmo que Lisboa te faça esquecer de mim, somos da mesma ilha, quase vizinhos... apesar do que se passou. Do Granel do avô via-te ir todas as tardes pela muralha fora. Oh! muito antes de perceber...! Nem me passava pela cabeça! É que não posso estar muito tempo fechada; dá-me a impressão de que abafou... até nas Vinhas! Olha que no Pico é a mesma coisa...

— Já não sei quantas vezes te ouvi isso! Naturalmente, também, se vieste aqui hoje, foi para não estares fechada... — disse João Garcia, sorrindo e desenrolando um fio de despiques pequeninos, a linha mais excitante de um namoro em que era a quarta ou quinta vez que se falavam.

Mas o cão estava insofrido e ameaçava arrastar a casota para junto de Margarida. Era um cão de fila, um «rabo-torto» da Terceira, espécie de buldogue atarracado e cor de rolão. João Garcia viu-lhe as orelhas cortadas e guichas do lado de dentro da quinta, num salto de pêndulo que lhe punha as virilhas à mostra, e correspondia, na instabilidade, à posição do namorado na rampa de terra da estrada, que o obrigava a escorregar e a trepar alternadamente, para não perder contacto com a borda do muro. Demais a mais, o vento começava a enrodilhar as folhas das faias e dos cedros, e de baixo, do caminho tornava-se difícil perceber o que se dissesse em cima. Margarida atirou-se ao animal:

— Ache! Vá-se deitar, *Açor!* Vá-se deitar! — E ficou de mão espalmada na cabeça quadrada do bicho, que meteu para as patas de trás o inútil vigor de sentinela.

João Garcia fincara os pés na rampa e as mãos no muro, elevando-se como se estivesse a trabalhar de espaldar. A fúria do cão enchia-o de um atrevimento nervoso, como se Margarida estivesse em perigo ou o quisesse experimentar criando-lhe um inimigo inferior. Agora era o *Açor* que o via em posição de ataque, só a cabeça e os cotovelos. Açulado por aquela sombra, o cão atirou-se por cima da dona ao vulto, de

gorgomilos rascantes estrangulados na coleira. Com o impulso, Margarida resvalou; mas, apanhando rapidamente o casaco cinzento que pusera pelos ombros, fez frente à fera, intimidando-a. João Garcia, de um salto, tinha-se posto ao pé dela.

— Cuidado, que te morde! — gritou Margarida; e, vendo a cobardia do cão e o perigo de falar alto: — Deixa... podem-nos ver! Não, não foi nada. Só me rasguei na saia. — Sacudiu-se. Mas a rapidez da cena fizera-a logo esquecer que João Garcia estava da parte de dentro da quinta; deixou que ele lhe pegasse na mão raspada pela queda, atento ao arranhão como um enfermeiro profissional.

— Não tem importância nenhuma. — Mas ainda assim havia sinal de sangue. Voltou-se para o cão: — Estúpido! Deite-se! Ah, seu estúpido!

O *Açor* parecia realmente despido da sua pele de cão de guarda, de olhos espantados e fitos naquele par misteriosamente formado, com uma trepidação nas beíçanas pendentes, escorridas de baba. Como que lhe tinham transtornado o campo de operações: a sombra inimiga estava de portas adentro de um lugar que ele tinha obrigação de manter limpo de todos os vultos que ali se atrevessem sozinhos, mas em cuja população acompanhada pelos donos não tinha nada que cheirar. E se conservava um resto de gana no lombo e no focinho anelante, traduzida num rosar que o vento levava em dueto, é que há sempre intervalo entre um corte de corrente e o parar do motor.

Então Margarida tomou mais consciência da situação em que estavam, e, tornada ao ponto em que a sua recente intimidade com João Garcia recuava sobre o antigo constrangimento de dois estranhos, disse-lhe:

— Vá-se! Podem ver da estrada...

— Não vêem. Comigo no caminho é que é pouco prudente. Agora que nos vamos separar, sempre te digo que temos facilitado um pouco. Esta gente da vizinhança é linguareira; mas como havia de ser? Quando eu voltar é outra coisa. Se fizer concurso... Se for nomeado... Mesmo que fique número três... O número três deve ir para Bragança; é frio... Dali a um ano... não? — Ficou à espera, tomando-lhe a mão com doçura. Margarida ouvia-o como se estivesse longe e chegasse muito devagar ao calor de tais propostas.

— Deus sabe o que nos espera, daqui até lá... — E, vendo-se outra vez entre João Garcia e o cão ainda desconfiado e coçando uma orelha à pata, aplicou o ouvido à estrada. Foi ao muro: — Está sempre a passar gente.

João Garcia espreitou, na ponta dos pés; dois vultos dobravam o começo da curva, seguidos das sombras disformes:

— Meu tio Ângelo e o Pretextato... Vão dar a sua volta. Quanto mais perto estivermos da lâmpada, pior!

Ao nome de Ângelo Garcia, Margarida perdeu o alvoroço em que a presença do namorado e os nervos do cão a punham. A recordação do maricas acordava nela a soberba dos Clarks, aquele sentimento maciço, enjoado e um pouco cínico, que contribuíra para correr Januário Garcia do escritório da casa Clark & Sons e envolvia a família Garcia num desdém mais *snob* do que odiento. Representou-se-lhe Ângelo de bigodinho frisado a ferro, faces de menina, o cabelo ruço e melado sob o chapéu de coco, correndo as casas da Horta com o seu pezinho atrasado. A ideia do avô sempre doente em casa ligou-se-lhe à rápida repulsa. O pai — fora. A mãe — sentada ao pé da *voltaire* do avô, e embrulhada no cachiné das noites compridas, com uma irritação a que o seu feitio romântico dava uma poesia desafinada, das pessoas que choram e riem sem ter de quê. Olhou para o casarão engolido no escuro da quinta, apenas visível pela esteira de luz que vinha do quarto do avô quebrar-se na janela da saleta. Um pé-de-vento abalou as faias e os cedros, levantando-lhe a ponta do casaco e uma mecha de cabelo.

João Garcia tinha de novo a mão dela nas suas, mas aquela pausa como que a cortara do braço de Margarida. Ia a dizer-lhe outra vez que se fosse, atraída para os lados de casa, quando sentiu melhor o calor daquele homem parado no meio das árvores, ali ao pé dela e a uma distância que a viagem de Lisboa tornava saudosa e sem fim. João Garcia pareceu entender este íntimo movimento e sossegou-a:

— Não tenhas medo. Então não estou ao pé de ti e não hei-de voltar daqui a meses?..

— Mas há tão pouco que nos falamos, e entrares na quinta assim de noite! Se nos vissem...

— Teu pai vem tarde.

— Às vezes entra pelo portão da canada...

— Salto o muro.

Os cedros tornaram a ramalhar bruscamente. Agora as guinadas do vento repetiam-se. Vinha certo no silêncio e experimentava fortemente as árvores, que durante um segundo descreviam um círculo cheio, como piões no torpor. Mas entre duas lufadas a quinta cerrava-se outra vez, ficava tudo compacto, debaixo de um bafo. Um cheiro a lava salgada e a seiva de cedro inebriava.

A quinta dos Dulmos era um retalho de terras em bico, com um bocado de pomar mal medrado e outro de arvoredos cortados de atalhos largos, mais altos que os currais de lava em que cedros seculares, faias e alguma piteira brava cravavam as raízes à vista, descarnadas e profundas. Os passeios tinham sido mandados compor pelo velho Clark, pouco depois do casamento da filha com Diogo Dulmo, a quem remira a antiga hipoteca da quinta. Cobria-os então um tapete de bagacina vermelha, hoje esburgado, e era ao longo deles que Maria das Angústias, meio governanta meio ama, empurrava o carrinho de rodas de borracha que o avô mandara vir de Londres para a sua primeira neta. Dez anos depois, Margarida continuava por ali as viagens de circunavegação da sua primeira infância, mas agora montada num garrano de crina guedelhuda, destes que traziam as latas de leite à Horta e a que a manjedoura da quinta dera um pêlo menos estúpido e jarretes mais flexíveis. Fora dele abaixo, malhando no curral da figueira, que Margarida abria a brecha de que lhe ficara uma pequena moessa marcada pela pele de cicatriz. Quando lá em casa se falava às visitas de coisas que se tinham passado há sete anos (e sete anos, nas ilhas, dão grande fundura ao tempo), a mãe mandava-lhe estender a testa à raiz do cabelo e dizia, enquanto ela se sujeitava ao exame irónica e longínqua: «Vê? Ficou assinalada...»

Agora era João Garcia quem descobria o sinal, mas deixado ver por ela como uma revelação necessária, natural ao passarem pelo curral da figueira. Tinham metido por ali, direitos à grota que bordava a quinta, da estrada até ao mar. O terreno ia ficando reduzido a pedra pura, com uns restos de vinha queimada da ressalga, figueiras-bravas, um tapete de bálsamo e os primeiros calhaus rolados. Um muro, confundido em parte com ruínas do antigo cinto de fortificação da ilha, já mal servia de divisória entre a propriedade e o «calhau», onde esquadrilhas de gaviotas vinham espenujar-se e gralhar. João Garcia podia escapar-se por ali, no caso de sentirem gente dos lados de casa ou se Diogo Dulmo entrasse de repente pelo portão da canada. Mas Margarida já não mostrava apreensões nem medo de vir alguém. No fundo, talvez João Garcia estivesse menos tranquilo. Era ela que procurava não perder contacto com ele naquela marcha no escuro, já longe do reflexo da lâmpada que vinha do poste às árvores, por cima da casota do *Açor*, e gradualmente afastados da nódoa de luz lívida que, saída do quarto do avô, avivava a janela da saleta. Iam, apesar disso, como se procurassem o sítio mais claro daquela noite, e tanto para não serem vistos como para se despedirem com o à-vontade de duas pessoas que encontram